

O Tuiuti



BOLETIM PROFISSIONAL DE HISTÓRIA MILITAR

2014 / Nº 129



Little Willie



O "Pequeno Willie" Primeiro Blindado da Grande Guerra



O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Órgão de divulgação das atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil / Rio Grande do Sul (AHIMTB/RS) - Academia General Rinaldo Pereira da Câmara - e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Membro da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB).

EDITOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente da AHIMTB/RS
Vice do IHTRGS
lecaminha@gmail.com

PROJETO GRÁFICO/DESIGN

Fabrizio Gustavo Dillenburg
Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis
nucleomilitar@gmail.com

ENDEREÇOS VIRTUAIS

acadhistoria@gmail.com
www.acadhistoria.com.br

O informativo **O Tuiuti** é uma publicação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, seção Rio Grande do Sul e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul. Seu objetivo é a divulgação dos trabalhos das duas entidades, bem como da História Militar e temas relacionados. Os textos publicados expressam única e exclusivamente a opinião dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião da AHIMTB/RS, do IHTRGS, da FAHIMTB, ou de seus membros, como um todo. O material publicado no informativo está protegido por Leis Internacionais de Copyright. Para publicação e/ou redistribuição, por favor, entre em contato com o Editor.



EDITORIAL

O primeiro carro de combate blindado britânico também foi o primeiro veículo do tipo operacional do mundo. Seu protótipo prometia uma imensa mudança nos conceitos de operação, mas sua verdadeira natureza, enquanto arma de movimento, demorou muito a ser compreendida. Na verdade, só seria plenamente entendida – e tornar-se-ia, então, devastadora – na Segunda Guerra Mundial

Neste número o Cel Caminha Giorgis traz um texto muito interessante sobre o primeiro projeto de carro de combate, o pouco conhecido *Little Willie*, que seria o primeiro passo para a construção de algo que, então, era entendido quase que como um "navio terrestre", um "cruzador de batalha". E, como não podia deixar de ser, foi Winston Churchill um dos incentivadores do projeto.

Na sequência, em uma colaboração do Acadêmico Dr. Frederico Euclides Aranha, sobre a pirataria e suas implicações na Antiga Roma. De profundas consequências, os ataques piratas forçaram à ação e alteraram o contexto histórico. Em suas palavras: "em razão do pânico irrefreável causado pelo ataque pirata, o povo romano tomou decisões que colocariam a nação nos trilhos da rejeição e flexibilização da Constituição, da democracia e da liberdade."

E, para fecharmos este número com chave de ouro, uma notícia extraordinária de um marco histórico, antecipando o Sesquicentenário da Guerra do Paraguai, em 2015.

F. G. Dillenburg (Co-Editor) por
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Editor

CONTEÚDO

4 *LITTLE WILLIE:* O 1º BLINDADO

por Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Romper com a guerra de trincheiras era um desafio, e o primeiro Carro de Combate surgiu como uma solução.

9 PIRATAS DO MEDITERRÂNEO

por Dr. Frederico Euclides Aranha

Os ataques de piratas às áreas costeiras da cidade de Óstia, na foz do rio Tibre, e suas implicações para os romanos.

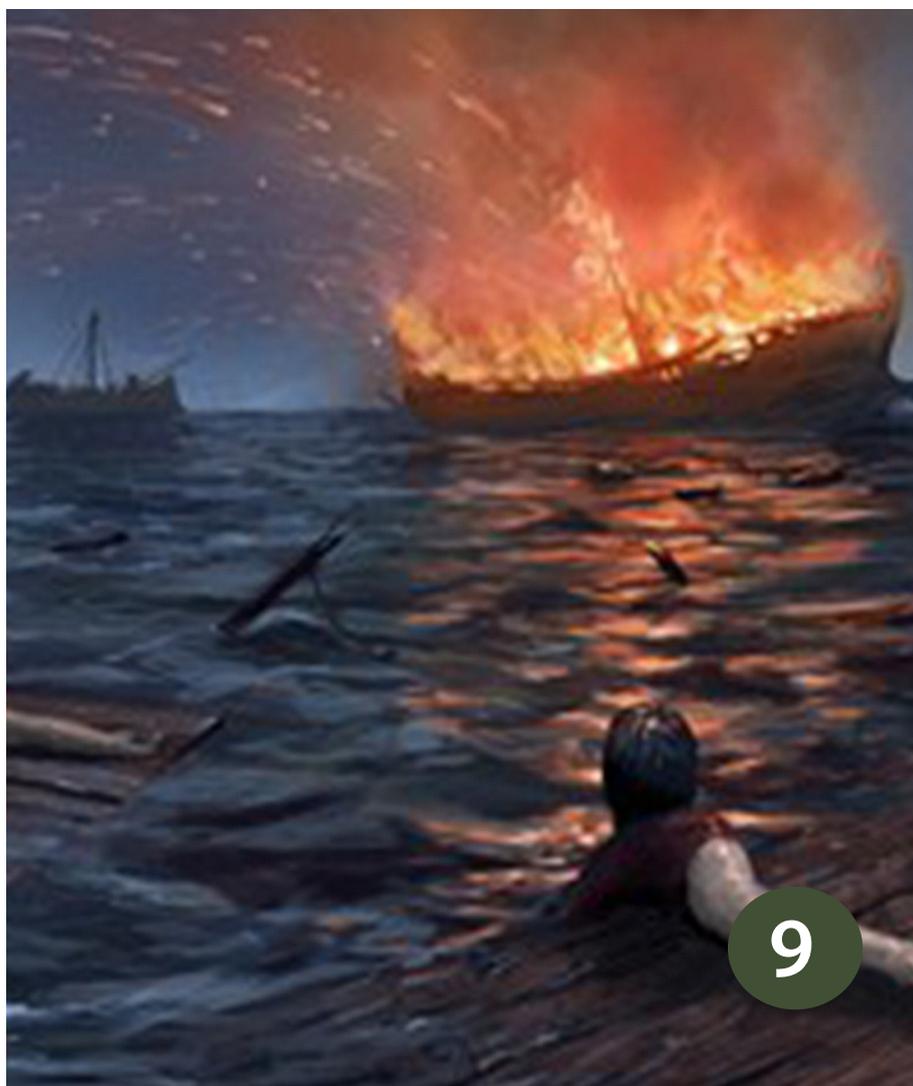
12 MARCO HISTÓRICO

Delegacia AHIMTB/RS de Uruguiana

Importante conquista histórica em memória à Guerra do Paraguai.



4



9

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE URUGUAIANA:

Faço saber que o Vereador Irani Coelho Fernandes propôs, a Câmara Municipal de Uruguiana aprovou e eu, nos termos do artigo 83, da Lei Orgânica do Município, promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º Fica autorizado que seja erigido um Marco alusivo à Retomada de Uruguiana, durante a Guerra do Paraguai, com a vitória das Armas da Tríplice Aliança, ocorrida em 18 de setembro de 1865.

Parágrafo Único. O Marco será construído na atual Praça Barão do Rio Branco, local onde, segundo a história, ocorreu a deposição de armas das tropas paraguaias.

Art. 2º O Marco consistirá de uma obra em alvenaria, com uma placa metálica, onde se mencione um dos fatos mais importantes ocorridos em Uruguiana, durante a Guerra do Paraguai.

Parágrafo Único. Para a execução da obra objetada, poderão ser firmados convênios entre órgãos públicos, privados e/ou particulares.

Art. 3º O Poder Executivo regulamentará a presente lei, no prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da sua publicação.

Art. 4º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

12



Little Willie

No segundo ano da Primeira Guerra Mundial e diante da “guerra de trincheiras” os ingleses resolveram criar um veículo que pudesse ultrapassá-las e romper o arame farpado sem que os tiros dos entrenchados o detivesse. O Cel Caminha Giorgis faz um levantamento da primeira tentativa de criar um primeiro protótipo funcional de carro de combate, na Primeira Grande Guerra.



Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Os primeiros projetos de um carro blindado estavam intimamente ligados às dificuldades do front estático ocidental. Em 1915, Winston Leonard Spencer Churchill, o Primeiro Lorde do Almirantado, criou um Comitê para enfrentar os problemas de como enfrentar a guerra de trincheiras.

Depois de muitas experiências de uma empresa agrícola, a William Foster & Company, foi contratada para construir um protótipo, baseado em tratores agrícolas que receberam blindagem externa. A ideia veio através do desenvolvimento dos tratores, que poderiam cruzar terrenos difíceis com facilidade usando esteiras.

O primeiro protótipo recebeu no nome de "Little Willie", mas também foi chamado de "tank", porque lembrava os veículos-cisterna ingleses.

Em 6 de setembro de 1915 o veículo estava funcionando e foi testado com sucesso. Ele se tornaria o protótipo para todos os tanques pesados britânicos na Primeira Guerra Mundial.

Portanto, embora o Little Willie nunca tenha entrado em combate, ele serviu de modelo e representou um grande avanço na tecnologia

militar. A autoridade que acreditou no projeto foi Churchill. Conforme a BBC de Londres, sem as lições aprendidas a partir de sua fabricação e testes, teria sido impossível construir os veículos para superar as dificuldades iniciais. Pesando 18 toneladas, com uma tripulação de dois e quatro artilheiros Little Willie foi o primeiro protótipo de Carro de Combate concluído na História.

O Carro de Combate teve um papel importante na Primeira Guerra Mundial e foi usado pela primeira vez para na Batalha de Flers. Em seguida, foi utilizado com menos sucesso na Batalha do Somme. Em

"O PRIMEIRO PROTÓTIPO RECEBEU O NOME DE *LITTLE WILLIE*, MAS TAMBÉM FOI CHAMADO DE *TANK* PORQUE LEMBRAVA OS VEÍCULOS-CISTERNA INGLESES."

bora o Carro de Combate se mostrasse altamente confiável - como seria de esperar de uma nova máquina - ele trouxe uma nova concepção para acabar com os horrores da guerra de trincheiras e trouxe de volta a mobilidade para a Frente Ocidental.

Entretanto, o exército britânico era dominado por oficiais dos vários regimentos de cavalaria que existiam. No início da Primeira Guerra Mundial, os primeiros embates na Bélgica entre os britânicos e os alemães tinham envolvido tropas montadas. Isso enfatizou a importância da Arma de Cavalaria.

Mas a realidade da guerra de trincheiras retirou da Cavalaria Hipomóvel o "romantismo" medieval das gestas heroicas sobre o cavalo. A trincheira tornou o uso da cavalaria nula e sem efeito. Não havia sentido para a Cavalaria lutar na lama em torno das trincheiras, o que provou ser muito caro e, do ponto de vista militar, sem esperança. Apesar deste fato aparentemente óbvio, os comandantes militares eram hostis ao uso de veículos blindados, uma vez que eles teriam desafiado o uso da cavalaria no campo de batalha.

Mas o principal incentivo ao uso do Carro de Combate não veio de Churchill e sim através de um oficial inglês nascido na Índia, o então Tenente-Coronel (depois Major-General) Ernest Swinton Dunlop. Em 1914, ele viu um trator agrícola americano, o Holt, rebocar uma arma - o que lhe deu a inspiração para o Carro de Combate. O Holt



^ GUERRA DIFÍCIL

As condições de vida nas trincheiras eram monstruosas; tanto, que muitas medidas tiveram que ser adotadas para transformá-las em "locais habitáveis". Por outro lado, impediam a guerra de movimento e dificultavam ações decisivas.

usava a lagarta chamada 'Caterpillar' no lugar das rodas e inspirou Swinton a propor um patrocínio britânico de desenvolvimento de um protótipo através do Coronel Maurice Hankey, secretário do Conselho de Guerra, que enviou a proposta para Churchill.

Já existiam veículos de combate em agosto de 1914. Os alemães, ingleses, austríacos, russos e franceses todos tiveram veículos blindados de combate que poderiam lutar em terreno 'normal'. Mas estes veículos não poderiam ultrapassar as trincheiras que estavam prestes a dominar a Frente Ocidental. O Caterpillar já era usado na França, assim como os britânicos usaram tratores para tracionar armas pesadas.

Conforme Swinton, o CC deveria:

- ter uma velocidade máxima de 4 mph em terreno plano;
- capacidade de virar brusca-mente em alta velocidade;
- capacidade de escalar um parapeito de 5 metros;
- capacidade de atravessar um fosso de oito pés de profundidade;
- ter uma autonomia de 20 milhas; e

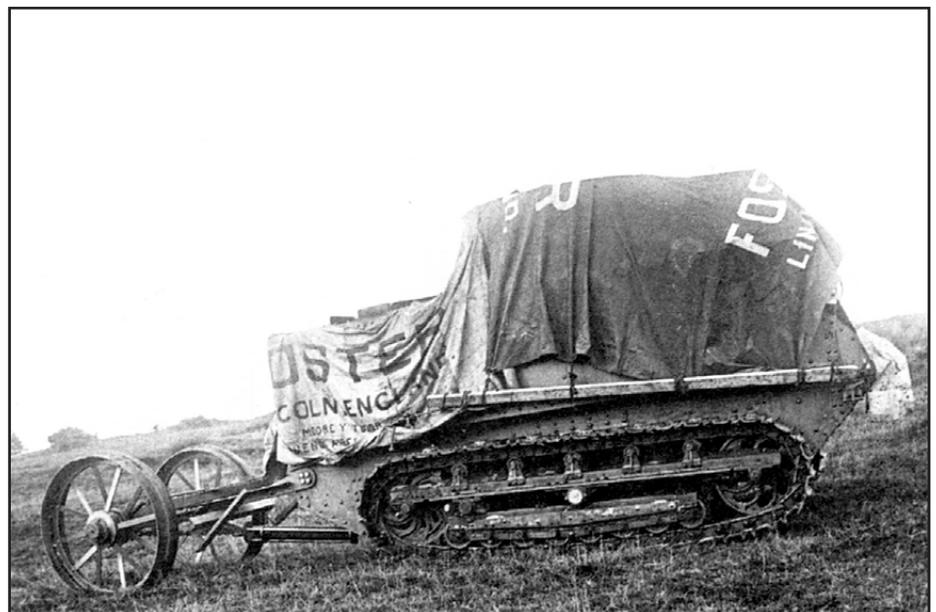
- transportar uma equipe de dez homens com duas metralhadoras a bordo e uma arma de artilharia leve.

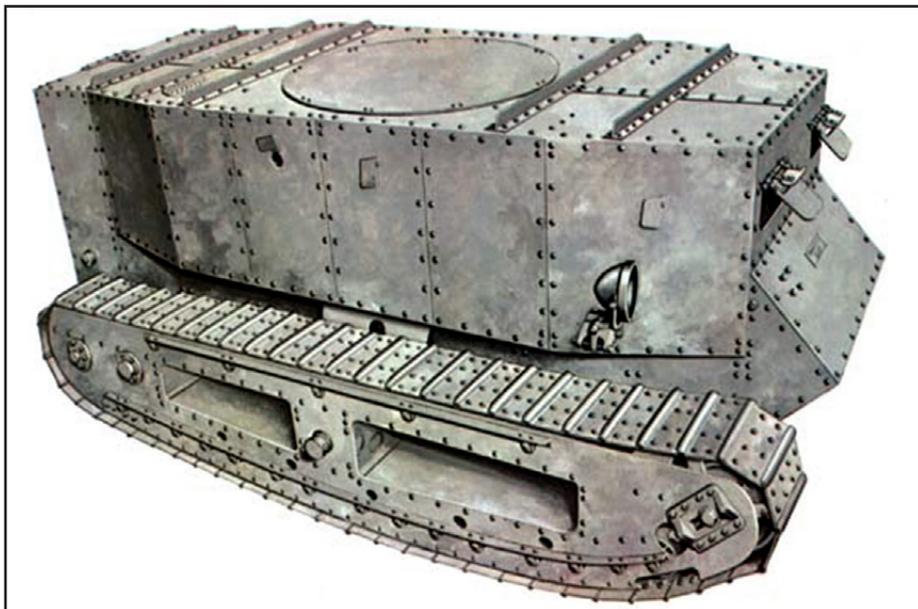
Como o impasse das trincheiras na Frente Ocidental continuou, a necessidade para encontrar uma arma que pudesse quebrar a falta de mobilidade tornou-se mais intensa. A maioria dos projetos originais foram baseados em projetos da empresa de tratores Holt. No entanto, os veículos foram projetados para operar em terra barrenta, mas não na paisagem agitada da Frente Ocidental.

Little Willie não foi projetado para combater, mas para servir como um modelo para o desenvolvimento. O "Pe-

SEGREDO BEM GUARDADO v

Além de receber o nome "tanque" devido à semelhança com os veículos-cisternas, o nome ajudou a esconder dos alemães a verdadeira natureza da nova arma que estava sendo desenvolvida.





^ ESTRANHEZA

Por sua bizarria e singularidade, o projeto causou em muitos conservadores manifestações de ironia e, mesmo, de descaço. Tratava-se de um conceito difícil de ser apreendido pela Velha Guarda, má entendedora da guerra mecanizada.

queno Willie", originou o "Big Willie", que começou ter uma semelhança com o primeiro Mark 1 visto na imagem ao lado. "Big Willie" era romboide na forma e tinha armas montadas em blisters sobre os lados do casco.

O primeiro modelo saiu da fábrica em 06 de setembro

de 1915. Em 19 de setembro funcionários do governo inglês assistiram aos testes. Eles ficaram impressionados, mas sabiam que qualquer nova arma seria obrigada a superar problemas de adaptação e ter reconhecido o seu potencial como uma nova arma. Uma versão nova e mais confiável foi montada em 29 de

FORÇA E MOVIMENTO v

Havia a esperança de que os veículos blindados pudessem ultrapassar as trincheiras inimigas e resolver o impasse da Guerra de Trincheiras, de uma vez por todas.



setembro e foi realizada uma reunião em Londres, que recomendava que a nova arma deveria ter 10 mm de armadura frontal e 8 mm de blindagem lateral. Haveria uma tripulação de oito homens e as armas seriam canhões navais de 57 mm montados nas laterais. O veículo teria uma velocidade de 4 mph. "Big Willie" (Grande Willie) foi testado com estas especificações, pela primeira vez, em 16 de janeiro de 1916, como o incentivo de Churchill, que tinha contactado diretamente para isso o Marechal de Campo Douglas Haig para convencê-lo sobre a utilidade da nova arma. Haig enviou um major, Hugh Elles, para saber mais sobre a máquina e ele relatou favoravelmente o resultado do teste a Haig.

Em 2 de fevereiro de 1916, o Marechal Horatio Kitchener, Lloyd George e McKenna, o Chanceler do Tesouro, estiveram presentes a mais uma demonstração. Foi nesta reunião que Kitchener descreveu "Big Willie" como um "brinquedo mecânico". No entanto, ainda em fevereiro, uma centena de "Big Willies" foi encomendada pelo Ministério das Munições Britânico.

O desenvolvimento do CC, quando comparado a outras armas, foi notavelmente rápido. Ainda no início de 1916,

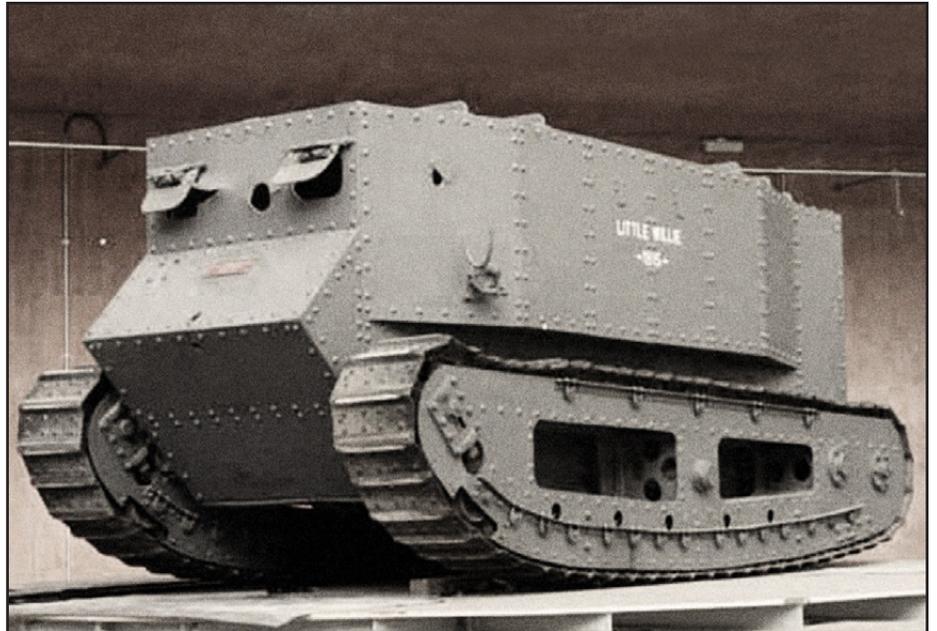
Ernest Swinton desenvolveu uma técnica de luta para estas novas armas. Swinton estava muito interessado que os CC e a Infantaria trabalhassem em cooperação, formando o binômio Inf/CC. Tornou-se evidente que o CC seria o apoio à infantaria nas ações para romper a linha de frente alemã em oposição e não uma arma que poderia fazer isso por si só.

Em abril, Haig informou Swinton que queria os CC e as tripulações prontas para 01 de junho - a data de início para a Batalha do Somme. Um pedido impossível, pois não havia tempo para a produção e se não houvesse os CC, como se poderia treinar as tripulações deles?

O Comando inglês ordenou então o uso da nova arma a partir de 15 de setembro de 1916. Os primeiros CC chegaram à Europa em 30 de agosto, mas as tripulações enfrentaram grandes problemas.

Em 15 de setembro, 36 CC fizeram um ataque em massa no Somme. Originalmente havia 50 CC, mas essas máquinas de trinta toneladas não poderiam lidar com a paisagem lunar dura da terra remexida e 14 haviam sido danificados ou ficaram atolados.

Independentemente disto uma nova era na guerra tinha começado.

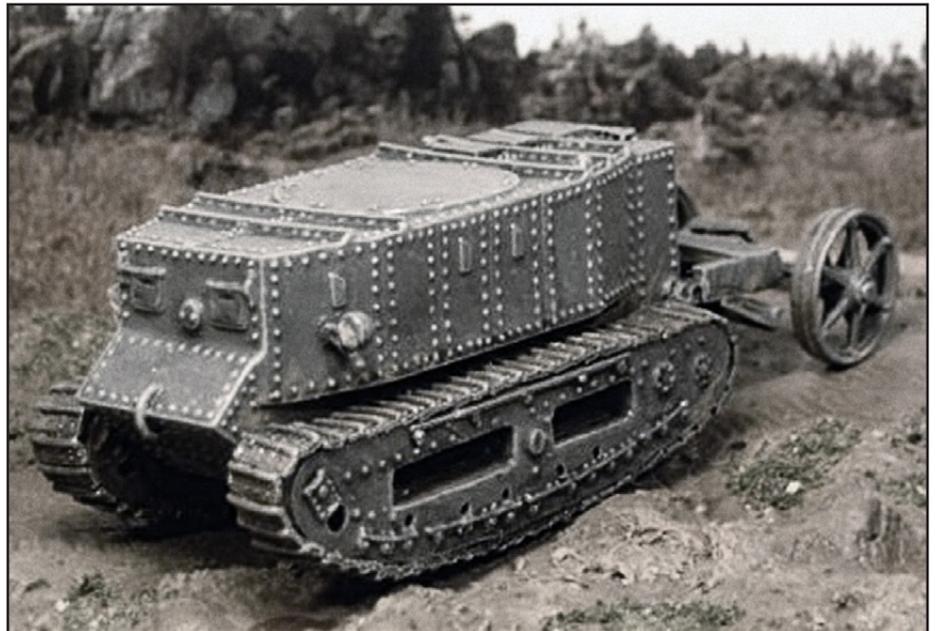


Fontes:

www.tanks-encyclopedia.com
www.bbc.co.uk

^ PRIMEIRO DA LINHA v

O *Little Willie* serviu de base para os futuros projetos de Carros de Combate, que se imporiam no campo de batalha moderno. As imagens, aqui, são de modelos em miniatura.



SOBRE O AUTOR

Luiz Ernani Caminha Giorgis é Coronel da Reserva, Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS. Editor do informativo *O Tuiuti*, é autor de várias obras sobre a história militar, entre elas "O Duque de Caxias Dia a Dia" e "História do Casarão da Várzea 1885-2008" (co-autor). Possui inúmeros artigos publicados e é detentor de diversos diplomas e medalhas, recebidos por serviços prestados à memória brasileira.



Piratas do Mediterrâneo

Colaboração do Acadêmico Dr. Frederico Euclides Aranha

Se, se torna necessário tripudiar sobre o direito, é essencial fazê-lo para a conquista do poder absoluto. Em todo o resto, é necessária a plena correção.

(Eteócles em *Fenícias* de Eurípedes)

No outono do ano 68 antes de Cristo, a única superpotência militar de então sofreu um profundo golpe psicológico, causado por audacioso ataque terrorista de piratas no coração da República romana. A cidade costeira de Óstia, na foz do rio Tibre, no mar Tirreno – abrigava o principal entreposto comercial romano além de ponderável parcela da esquadra – foi incendiada, famílias inteiras foram mortas, mulheres estupidadas, tesouro rapinado, frota consular destruída e raptados dois proeminentes senadores com seus estafes.

Este incidente dramático *não atraiu a atenção dos historiadores modernos* (Robert Harris, *Imperium: A Novel of Ancient Roma*). Todavia, a história é dinâmica. Um evento qualquer que foi uma mera nota

de rodapé há cinco anos reveste-se agora de significado agourento – p. exemplo, os protestos civis em 2011 na Síria.

Em razão do pânico irrefreável causado pelo ataque pirata, o povo romano tomou decisões que colocariam a nação nos trilhos da rejeição e flexibilização da Constituição, da democracia e da liberdade. Ninguém pode se surpreender se a História se repete.

Considerem-se os paralelos com os dias de hoje. Os autores desse espetacular assalto não estavam a serviço de qualquer nação estrangeira: nenhuma nação de então teria desafiado Roma de forma tão provocativa e violenta. Os atacantes, pelo contrário, eram os rejeitados: Os homens arruinados de todas as nações, nas palavras do historiador alemão Theodor Mommsen (*History of Rome*, citado por Harris), um estado pirata (sem lei) com peculiar espírito de corpo. Assim como a notória Al Qaeda, p. exemplo, esses piratas eram organizados dispersivamente, mas atuando em conjunto estavam aptos a espalharem terror e medo entre os cidadãos que, apesar disso, se acreditavam imunes aos seus ataques. Mommsen,

a respeito, comenta: *O chefe de família latino, o viajante da Via Appia, o afetado visitante do paraíso terrestre do balneário de Baiae não mais estavam seguros da sua propriedade e da sua vida, por um simples momento que fosse.*

Roma obrigou-se a reagir. E quais foram as medidas tomadas? Durante os séculos precedentes, a Constituição romana desenvolvera uma intrincada série de freios e contrapesos destinados a prevenir a concentração do poder nas mãos de um único indivíduo. A chefia do Estado era exercida conjuntamente por dois Cônsules, eleitos anualmente. O comando militar era de duração limitada, sujeito a renovação periódica. O cidadão comum gozava de significativo grau de liberdade e o brado – *civis romanus sum* – “eu sou cidadão romano”, era garantia de segurança pessoal em todo o mundo conhecido.

No entanto, o pânico subsequente ao ataque à Óstia foi de tal ordem que o povo romano estava disposto a comprometer esses direitos. O mais renomado General romano da época, *Gnaeus Pompeus Magnus* (conhecido como Pompeu, o Grande) e seus aliados políticos, vislumbraram uma oportunidade para aumentarem seus poderes. Pompeu encarregou seu

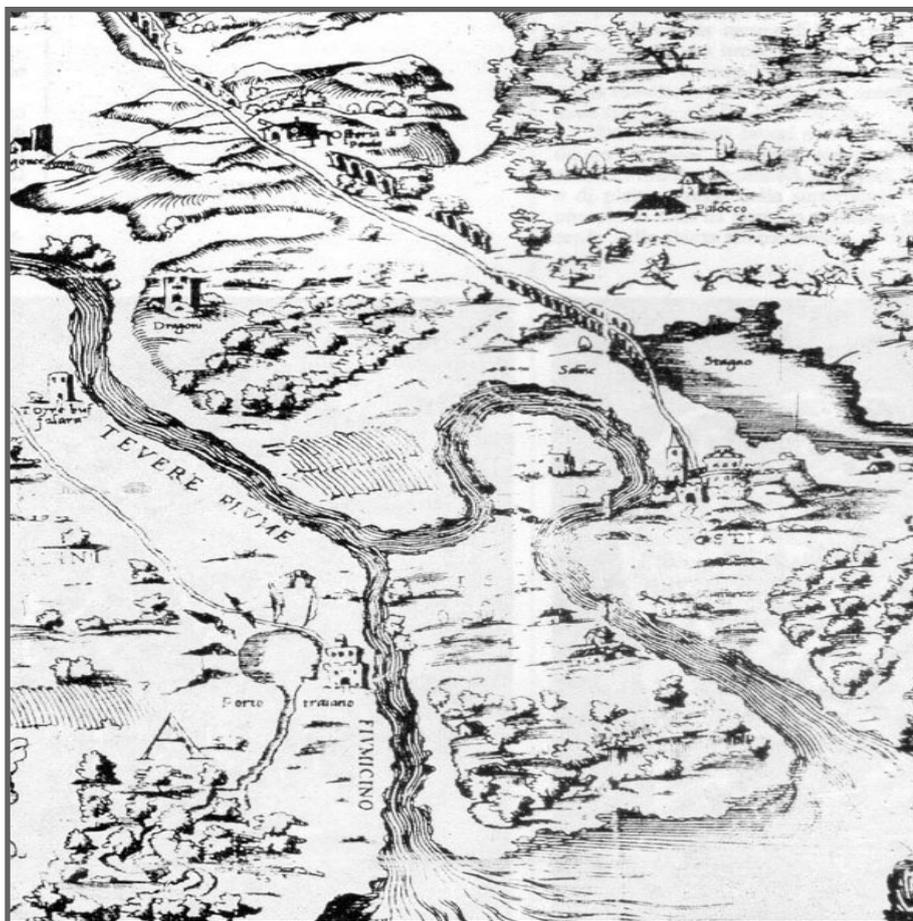
subordinado o tribuno *Aulus Gabinius* a apresentar à Assembleia Popular uma lei surpreendente para suportar um ataque maciço aos piratas, lei esta que empolgaria o populacho.

Foi dado a Pompeu não só o supremo comando naval, mas um poder de autoridade absoluta e sem limites sobre tudo e todos, escreveu o historiador Plutarco (citado por Harris). *Não havia nenhum lugar no mundo romano que escapasse ao controle total dessa autoridade*, acrescenta. O Senado entregou a Pompeu o saldo existente no tesouro romano – 144 milhões de sestércios para financiar a “guerra contra o terror”: construção de 500 navios e a formação de um exército de até 120.000 infantess e 5.000 cavalarianos. Tal acumulação de poderes era sem precedentes e ocorreu um grave motim no Senado quando a lei foi discutida. Ao mesmo tempo em que ocorria a sessão do Senado, em grande e tumultuado comício que se realizava no centro de Roma opositores eram cercados, intimidados e agredidos violentamente. A Lei Gabinia foi aprovada (ilegalmente) e Pompeu investido de poder total e inédito.

Ao cabo, foram necessários menos de três meses para destruir as bases dos piratas no

mar Egeu e varrê-los do mapa do Mediterrâneo. Ainda que se credite certa “genialidade estratégica” a Pompeu, as suspeitas levantadas apontavam para o fato de que se fora possível liquidar com os piratas tão rapidamente eles não representavam, na verdade, o grande perigo que lhes fora imputado (qualquer semelhança com fatos ocorridos em passado recente não é mera coincidência). Porém, é muito tarde para levantar essas questões. Pelo velho ardil do catecismo político – qualquer voz dissidente visando, no caso, aplacar o pânico era taxada de “branda” e até “traidora” – poderes concedidos pelo povo romano jamais foram recuperados.

Pompeu permaneceu seis anos no Oriente Médio, estabelecendo regimes fantoches na região e amealhando riquezas que o tornaram o homem mais poderoso de Roma e condestável da República. Na verdade, a Lei Gabinia decretou o começo do fim da República Romana. Ela estabeleceu um precedente perigoso. Menos de uma década mais tarde – *Gaius Julius Caesar*, (conhecido como Júlio César), um dos poucos Senadores, de acordo com Plutarco, que apoiara a concessão do mandato supremo a Pompeu, recebeu o mesmo comando militar ilimitado nas Gálias. Anteriormente, o Estado romano, por meio do Senado, detinha o comando das Forças Armadas; agora, as forças armadas começavam a assumir a direção do Estado.



César, como Pompeu, com todos os recursos das Gálias à disposição, tornou-se imensamente rico e empregou sua fortuna para financiar a facção política que comandava. Destarte, o resultado das eleições era praticamente determinado pelo candidato que tivesse os maiores recursos para corromper o eleitorado. Em 49 antes de Cristo, o sistema implodiu, César cruzou o Rubicão e o resto, como se diz, é história passada.

É provável que a República romana estivesse condenada. Mas, a reação desproporcional ao reide em Óstia inquestionavelmente acelerou o processo ao quebrar as amarras do aventureirismo militar e a corrupção do processo político. Foram necessários mais de 1.800 anos antes que algum regime remotamente parecido à democracia romana – imperfeito como era o americano do norte – brotasse novamente.

A *Lex Gabinus* é o exemplo clássico da lei de consequências imprevisíveis: ela, fatalmente, subverteu a instituição que supostamente estava protegendo.

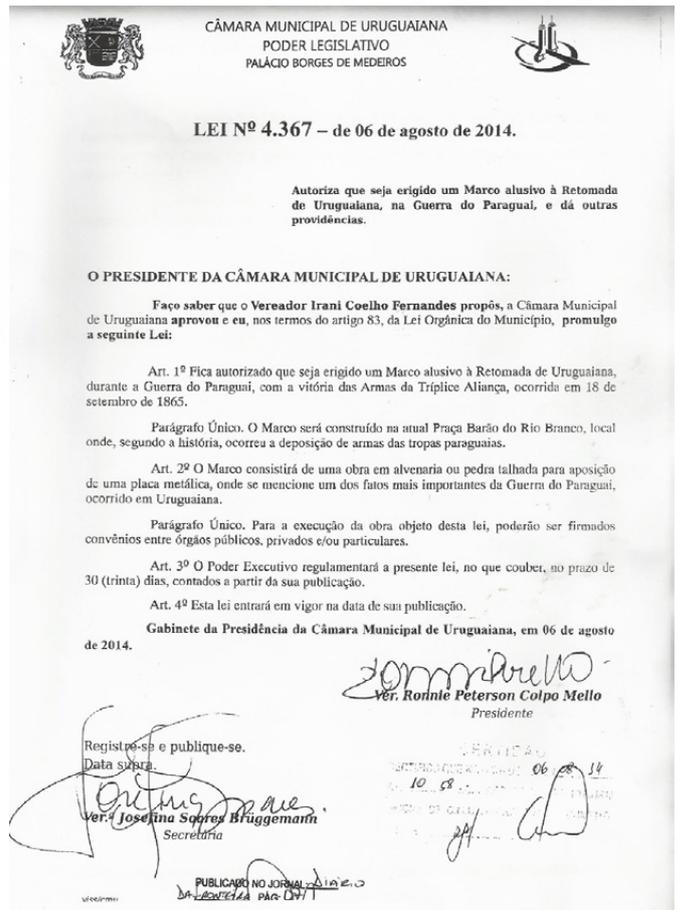
•

< MAPA DE OSTIA

Nesta reprodução de uma gravura medieval, no canto inferior direito destaca-se a orla marítima, palco de problemas com a pirataria.



O MARCO DA RENDIÇÃO



O Delegado da AHIMTB/RS em Uruguaiana Carlos Fonttes remeteu a seguinte matéria, de grande importância histórica, mormente por ocasião, em 2015, do Sesquicentenário da Guerra do Paraguai.

RELATÓRIO OFICIAL PARA COLOCAÇÃO DE MARCO NO LOCAL EXATO ONDE, EM 18 Set 1865, O Tenente-Coronel ANTONIO DE LA CRUZ ESTIGARRIBIA, DE PRÓPRIO PUNHO, ASSINOU SUA RENDIÇÃO EM URUGUAIANA, RS, AO MINISTRO DA GUERRA ÂNGELO MUNIZ DA SILVA FERRAZ

Proponentes: Historiador militar Carlos Fonttes, Delegado da AHIMTB/RS e Vereador Irani Fernandes.

Por ser um grande número de documentos, colocamos somente a imagem do documento da Lei Municipal que autoriza a construção do Marco.

Em nome da AHIMTB/RS nos congratulamos com o Vereador Irani Coelho Fernandes pela conquista, juntamente com o historiador Carlos Fonttes, ao mesmo tempo em que agradecemos ao ilustre edil o esforço pela preservação das raízes históricas do município de Uruguaiana. Cumprimos também a administração municipal e a Câmara de Vereadores pela acolhida de tão oportuno pleito.

Pela AHIMTB/RS
Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
Presidente

A FAHIMTB E SUA ANTECESSORA, A AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) foi fundada em Resende, RJ, em 1º de março de 1996 e reorganizada em 23 de abril de 2012 como Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), com sede no interior da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), e mais cinco academias federadas:

- A AHIMTB/RESENDE – Academia Marechal Mário Travassos, junto à FAHIMTB na AMAN e presidida pelo acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento;

- A AHIMTB/Distrito Federal – Academia Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília, sob a presidência do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim;

- A AHIMTB/Rio de Janeiro – Academia Marechal João Batista de Mattos, com sede na Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB/RJ) e sob a presidência do acadêmico emérito Eng Ten R/2 Art Israel Blajberg;

- A AHIMTB/Rio Grande do Sul – Academia General Rinaldo Pereira da Câmara, com sede no Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) e sob a presidência do acadêmico emérito Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis; e

- A AHIMTB/São Paulo – Academia General Bertoldo Klinger, com sede no Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS), sob a presidência do acadêmico Historiador Adilson Cesar, também o presidente do citado Instituto. As citadas AHIMTB funcionam com delegações de poderes específicos da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

A AHIMTB foi fundada na data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Teve, como sua sucessora, a FAHIMTB e as AHIMTB federadas, que são destinadas a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

A FAHIMTB, com sede e foro em Resende mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres consagrados.

O TUIUTI

Informativo oficial da AHIMTB/RS

Para visualização, recomendamos o uso de um leitor de PDF atualizado (ADOBE Reader ou equivalente, versão 5.0 ou superior) com as opções do Menu **View**, ítem **Page Display**, **Two PageView**, **Show Gaps Between Pages** e **Show Cover Page in Two Pages View** ligadas. Dessa forma, o informativo será exibido na forma projetada.

Caso seu programa esteja em Português, escolha no Menu **Visualizar**, o ítem **Exibir Página**, clique em **Exibição em Duas Páginas** e **Exibir Página de Rosto em Exibição em Duas Páginas**.



O **Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis** é responsável pelo projeto gráfico e pelo design do informativo **O Tuiuti**, do que muito se orgulha.

Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem, como missão, levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade. Nossa postura é absolutamente independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural. Mais informações no endereço www.nucleomilitar.com

Apoio à FAHIMTB:





AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

